N.º 299. Anno de 1830.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario rua Direita N.º 267 1.º andar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis.

TERÇA FEIRA 26 DE JANEIRO. *S. Policarpo B. M.*

Preamar as 6 horas e 6 minutos da manhaã.

CORRESPONDENCIAS.

SNR. *Edictor.* — Sendo obrigado a responder uma carta, que appareceo no Cruzeiro N.º 195 subscripta por um Pernambucano sobre certo caso acontecido em casa do Capitaõ Mor Francisco Xavier Paes de Mello Barreto no Termo de Cimbres, rogo-lhe a inserçaõ das seguintes reflexões, visto imputar-se a mim o sobre dito acontecimento por uma mera supposiçaõ, que só funda-se em malicia, como mostrarei.

Conclue o Pernambucano a sua narraçaõ sobre o desastroso caso dizendo que se achou na algibeira do cabo, que foi morto pelo Capitaõ Mor Xavier um officio com letra fingida ; porem naõ tanto, que se naõ conhecesse ser letra minha. Reflicta-se bem sobre este ponto, que facilmente se descobrira' a maldade do Pernambucano, que ja' por ahi vai procurando uma pontinha de acuzaçaõ contra mim, fundada na suspeita da reaçaõ, ou vingança, que querem, e procuraõ imputar-me pelo tiro, que me deraõ ; e como a probabilidade de uma vingança da parte do offendido naturalmente se antolha quando apparece, ou acontece qual quer desastre ao offensor, eis uma larga brecha para se dar cabo do supposto vingativo ; mas naõ e' assim que me haõ de levar de codilho em quanto ouver imparcialidade, e justiça nos homens.

Naõ e' preciso grande perspicacia para se conhecer a pocibilidade da factura daquelle fingido officio, que ate e' mais provavel ter sido mesmo do gabinete do Poço dos Patos pelas seguintes razões: primeira, porque me consta que apenas o fingido Cabo cahio morto pelo Xavier lhe deraõ immediatamente uma rigorosa busca na troxa que levava, algibeiras, e &c., e que nessa occasiaõ ate temperos lhe acharaõ, menos o tal officio, que so foi achado no outro dia depois de ja' ter pernoitado o cadaver no terreiro do palacete ; pelo que e' mui facil conhecer-se a astucia da introduçaõ do mencionado officio para combinar com a historia do fingido preso, e de todo o fingimento referido pelo Pernambucano : segunda, por que sendo o dito officio a mola principal de todo aquelle estratagema, era mui natural que o tal Cabo levasse-o na maõ, para com elle ter ingresso a fallar com o Capitaõ Mor ; porem naõ se conclue assim da historia do Pernambucano ; e pelo que me informaraõ, depois de visto, e revisto o cadaver no outro dia, quando os valentes guardas do Capitaõ Mor foraõ recrear-se em ver os estragos que lhe tinhaõ feito com tiros e queimaduras, que lhe fiseraõ depois de morto, foi que um gritou — ca esta' um papel na algibeira do defunto — e logo appareceo o officio que o Pernambucano diz ser de letra fingida ; porem naõ tanto que se naõ conhecesse ser minha. Estes saõ os dois eixos, sobre que pretendem os meus inimigos fazer rodar a maquina da intriga, que, com mais, ou menos trabalho desmantelarei.

Primeiramente saiba o Respeitavel Publico, que o Capitaõ Mor Xavier e' o ente mais odiado, e geralmente aborrecido, que existe em todo o Termo de Cimbres, onde, a excepçaõ do Cordeiro, Cardial, e mais alguns de igual caracter, que compoem a sua pequena, e detestavel roda, todos os mais lhe tem votado um odio eterno pelo seu pessimo comportamento.

Em segundo lugar advirta-se que naõ e' novo o aproveitar-se qualquer queixozo da intriga, que seu offençor tem com um terceiro, para a sombra della vingar-se das suas offenças particulares,

aproveitando-se da primeira occasiaõ, que as circunstancias lhe offerecem.

Ultimamente desengane-se o Pernambucano, que, pelas rasões ponderadas, a imputaçaõ do officio naõ e' a Imecivel pela improbabilidade, que se apresenta a vista das circunstancias de naõ traser o Cabo dito officio na maõ, como era de esperar; pois havendo a lembrança de o trazer para facilitar o seu estratagema, naõ era natural que se esquecesse disso, e pelo contrario o troucesse guardado, e bem guardado, de sorte, que depois de morto, e mais de uma vez corrido, e examinado pelas algibeiras, trouxa &c., so no outro dia e' que se-lhe-achou. Ora, o que naõ e' natural naõ se acredita faeilmente, e, vice versa, o que naturalmente se pode executar naõ e' mister engenhosos argumentos para ser acreditado, bem como a factura, e introducçaõ d' officio n'algibeira do morto. Quanto a semelhança da letra fingida, em vez de corroborar a calumnia, mais a desmascàra; porque todo o trabalho, que tiveraõ, seria o de imitar a minha letra, sendo talvez o que faltou, para a sua total semelhança, o mesmo que o Pernambucano chama fingimento. De mais, como e' crivel que propondo-se qualquer a contrafazer a propria letra para um caso de tal naturesa naõ podesse desfigura-la a ponto de a fazer inteiramente desconhecida? Snr. Pernambucano, procure outro jogo para bater; pois neste levara' resposta, quando naõ fique codilhado.

Lembre-se o Snr. Pernambucano do que diziaõ os meus adversarios (scilicet Xavier, Cordeiro, e seu rancho) quando escapei do tiro, que ainda me crivou as abas da casaca, e traspassou a anca do cavallo em que eu hia montado: entaõ gritavaõ elles para meterem a ridiculo o caso, e por naõ terem outra desculpa — Que eu como asno feri o asno, que me carregava — e a mesma graça repetio o Cordeiro em uma carta incerta no N.° 194, que breve sera' respostada. Por tanto naõ se agrave com dizer-lhe eu que aquelle officio taõbem e' milagre feito por santo de casa, que naõ saõ dos mais milagrosos, e por isso pouco acreditados. Com tudo porem deve o Snr. Pernambucano ficar certo que naõ digo isto por desforra; porque ha muita differença entre um, e outro caso; pois tendo a meu favor naõ ter outros inimigos, fora daquelles senhores; tenho a meu favor naõ ter em tempo algum, nem mesmo agora, aggregados facinorozos, para mandar cometter assassinatos; tenho a meu favor o comportamento publico, e particular, que tenho adoptado para viver em paz, sem offender a pessoa alguma, por mais miseravel que seja; tenho finalmente a meu favor tudo quanto e' preciso para me justificar das vagas accusações, que me possaõ faser o Xavier, o Cordeiro, e seu rancho, a quem desafio em alto, e bom som para que me mostrem quaes saõ as circunstancias mais vantajosas em que se achaõ para que eu, e minha familia lhes invejemos a sorte. Naõ basta dizer que saõ amigos de S. M. I., e que nós pelo contrario somos inimigos; mostrem um so facto, que eu, ou meu Pae, ou qualquer individuo de minha Familia tenha praticado contra a Augusta Pessoa do Imperante, que felizmente nos reje, dês que ha commoções politicas no Brazil: isto e' facil, uma vez que haja motivos, e vontade de o publicar, e porque naõ o fasem? Sera' por compaxaõ? Naõ tenhaõ tanto dó dos farroupilhas de Pesqueiro, que elles naõ teráõ a mesma condescendencia d'ora em diante, uma vez que saõ obrigados a faser ver ao Publico quem saõ esses bons amigos de S. M. I., como brevemente sahira' ao prelo, nas respostas, que darei a carta do Cordeiro.

Snr. Edictor. para se conhecer o espirito de partido dos absolutistas, basta ler a nota do Redactor do Cruzeiro no fim da carta do Pernambucano. Nella inculca o Redactor ter sido segunda vez attacada a casa do Capitaõ Mor Xavier, dando a intender, que este segundo desastre da morte do Capellaõ do dito Capitaõ Mor he uma continuaçaõ do primeiro caso, e por consequencia mandado fazer por mim, ou por minha Familia. Muito tinha eu que diser-lhe sobre isto; porem ficara' para logo: por ora basta que o Publico saiba que o Capellaõ era Fr. Francisco do Patrocinio de S. Joze Bom Tempo, homem de caracter firme, liberal, e taõ amante da felicidade do Brazil, que a pesar de ser filho de Portugal, poucos Brazileiros o igualavaõ nesses bons sentimentos. Alem disso era meu amigo particular, e assaz adheso a toda a minha Familia, que o idolatrava pelas suas boas qualidades; por cuja rasaõ o Capitaõ Mor Xavier o aborrecia figadalmente, e

so por necessidade o conservava. Note-se mais que tendo acontecido o primeiro desastre em casa do dito Capitaõ Mor a 22 de Dezembro p. p., a 25 do mesmo mez o Frade teve a coragem de hir dizer Missa a minha Familia na Capella de Pesqueiro sem se importar que o Xavier, ciumento daquella amizade levasse a mal essa visita em semelhante crise. Finalmente estando o Frade para se passar de Capellaõ para Pesqueiro, e ajustando as suas contas, ou estando para isso, no primeiro de Janeiro, que foi o ultimo dia da Capellania, foi taõbem o ultimo da sua vida, sendo assassinado de noite ao pe' das suas goardas com onze facadas de que immediatamente expirou. O que e' mais notavel de tudo isto e' ter sido perpetrado o assassinio pelos cabras que ahi existiaõ, e naõ por pessoas de fora, e alem disto naõ se acudir ao infeliz, que clamava soccorro com taõ altos, e extraordinarios gritos, que certa pessoa, que se achava em casa do Capitaõ Mor (o qual fingia dormir a sono solto, apezar de ser ainda sedo) perguntava aflita o que era isso a um soldado, que estava de sentinella, e este, que parecia estar advertido, respondeu que naõ era coisa alguma, e dahi a pouco apparece o Frade morto. E' quanto basta por ora para que o Publico va' fasendo os seus juizos em quanto vou colhendo mais algumas informações : entretanto concluirei a presente carta, advertindo ao Snr. Redactor do Cruzeiro, que seja menos parcial, e mais exacto em suas notas, para que naõ pareçaõ de compadre.

Adeus, Snr. Edictor, ate' outra occasiaõ, que sera' breve.

Seu venerador e assignante.

Antonio dos Santos de Sequeira Cavalcante.

---*---

SNR. *Edictor*. — Tendo-se reunido a Camara Municipal desta Cidade em sessaõ ordinaria no dia 7 do corrente ate hoje que se contaõ 21 do mesmo apenas tem feito seis ou sete sessões pois nos mais dias naõ se tem junto bastantes Vereadores a fim de existir o numero de cinco exigido pela Ley ; pois alguns destes Snrs. deixaõ-se ficar em suas casas de proposito de manhaã, e de tarde andaõ passeando por essas ruas, e outros vaõ passar dias fóra em seus sitios, e athe outros devertir-se em caçar ! Sera' isto, Snr. Edictor occupar hum lugar com dignidade ? Rogo-lhe pois, Snr. Edictor, queira transcrever estas linhas no seu estimavel Diario, aver, se esses Snrs. se cohibem, pois a excepçaõ deste procedimento naõ me consta terem outros maos. Sou, como sempre, do Snr. Edictor.

Velho assignante.

O Ignorante.

Pede-se-nos a insersaõ da seguinte correspondencia do Bahiano.

UM Academico do Curso d' Olinda, roga a V. m. de inserir na sua bem conceituada Folha a seguinte correspondencia ; pelo que lhe ficarà obrigado.

O mesmo Academico.

Sr. Queixoso.

Se em todas, as épocas, ainda em as mais remotas, a mordacidade dos Zoilos tem buscado (posto que em vaõ) manchar o esplendor de esclarecidos varões, pouco admira hoje, que o resentimento, mal fundado de huma cabeça ôca queira enegrecer o criterio de pessôas conspicuas ; e por isso desnecessario me fora a taréfa, que de presente me imcumbo ; mas, havendo apparecido em Pernambuco inserida no Amigo do Povo n.º 26 a calumniosa correspondencia do (sem rasaõ) Queixoso, eu me imcumbo de responder ligeiramente a seos perniciosos e injustos conselhos : e posto naõ seja n' essa Provincia aonde V. m. escreveo, todavia o faço n' esta por me ser aqui transmittida a sua correspondencia contra os Lentes e os Academicos do Curso d' Olinda. Diz o Sr. Queixoso, que aquelles Academicos, que quizerem evitar os dous R. R., he mister arrastarem-se pelo pó, fazer brindes a Lentes de livros dourados, e o mais, que lembrou a maledicencia do Sr. Queixoso ; sobrecarregando aos Academicos Bahianos toda acrimonia de suas arguições. Espanta a temeridade, á que se arroja o Sr. Queixoso, que, devendo se cobrir (por isso que todos o conhecem) de vergonha eterna pelos despresiveis exames, que fez no 1.º anno lectivo, ousa todavia impôr-se a tentativa de capear sua ineptidaõ deturpando a dignidade dos Lentes, e a capacidade dos Academicos seos contemporaneos. Mas, que dirá

hum culpado do Juiz, que o condemnou? Que o seo Julgador foi máo. E saiba, pois, o Sr. Queixoso, que os Academicos Bahianos saõ geralmente muito pobres para fazerem vir da França ricos livros com os quaes brindem os Lentes; porém os mesmos Academicos saõ muito orgulhosos para se arrastarem pelo pó: elles preferiraõ todas as proscripções a hum taõ baixo procedimento. Assim Sr. Queixoso, se V. m. naõ queria ter motivo de queixa, fizesse quanto fizeraõ os seos contemporaneos, estudasse. Acrescenta, o Sr. Queixoso, que igualmente para se evitar os ditos dous R. R., he preciso, ser enthusiasta da demagogia, que só fale em Rosseau, Helvecio, Lametri, e nos direito inalienaveis do homem, na regeneraçaõ do genero humano, injustiça da escravidaõ, horrores do despotismo, e na fogueira do Santo Officio, e na tyrannia dos reis &. Por isto julgara' o publico do criterio do Sr. Queixoso; pois bastara' para tornal-o despresivel na opiniaõ dos homens sensatos, e remover qualquer imputaçaõ ma', que houvesse de recair a respeito daquelles, que seguem taes maximas. Por tanto Sr. Queixoso, se deseja ser util a si, e a sociedade, sahia do ocio, e faça rigorosa applicaçaõ ao estudo, com o que unicamente podera' apagar a vergonhosa memoria do passado. Deixe-se de accusar de aduladores os Academicos Bahianos, cuja dignidade esta' a toda a prova. Os Academicos Bahianos, Sr. Queixoso, confessaraõ com eterno reconhecimento que devem beneficios ao Sr. Doutor Moura, como sejaõ o de abonar letras a alguns de seos discipulos, e de pagar as matriculas a outros; e ao Sr. Doutor Porto o seo interesse e zello em favor dos Academicos, a ponto de andar elle mesmo de porta em porta a procurar casas para residencia dos Estudantes. He por esta parte que os Academicos Bahianos tributaõ todas as demonstrações de vivo reconhecimento aos seos Lentes; mas pelo que respeita à seos exames, os mesmos Academicos, possuidos de hum nobre, e bem entendido orgulho, declaraõ que nada devem a seos examinadores, e só sim ao seo proprio merecimento e capacidade. Oxala que outro tanto podesse dizer o Sr. Queixoso, .— *Hum Academico Bahiano.*

Correio.

PELA Administraçaõ do Correio, se faz publico que o Paquete Nacional Canstancia fundiado neste Porto regressa sem falta no 1.° de Fevereiro para a Capital do Imperio tocando nos portos ja conhecidos, o mesmo acha-se prompto a receber carga e passageiros, e na vespera ate' as nove horas da noite se recebem cartas, passada que seja esta hora se procedera' immediatamente a fechar as malas ficando fora todas as que chegarem depois.

Avizos Particulares.

O Snr. Alferes de Milicias que haverá 2 mezes comprou na Typographia deste Diario hum folheto das instrucções de Caçadores, e que ficou de voltar com o importe naõ o tem feito ate' o prezente, queira mandar satisfazer a fim de naõ se publicar o seo nome, fazendo-se patente por esse meio o seo máo caracter.

Alguma embarcaçaõ que esteja em lastro destinada para o Assú, para carregar sal, se fizer conta levar huma porçaõ de fazendas para a Provincia do Ceara, dirija-se a rua da Cruz N.° 7.

Vende-se.

HUM sitio, no lugar do Caxanga', terras proprias, boa baixa, em lugar muito bom, na estrada, e porto de rio; na rua de Hortas D. 54.

Huma venda, com poucos fundos, na rua Direita ao pe' da Typografia D. 11; na mesma.

Escravos Fugidos.

DELFINA, idade 18 a 20 annos, naçaõ Cassange, andava carregando agua de ganho, e tem os signaes seguintes, baixa, testa ovada, as maçans do rosto bastante altas, os beiços groços, e os dentes hum tanto acangulados, saia de xita roxa uzada, baêta preta, os pes apalhetados, o couro dos pes aspero e groço como lixa, e levou hum ferro no pescoço; os apprehendedores levem defronte da Cadeia casa D. 2, que seraõ bem recompensados.

Pernambuco na Tipografia do Diario.